

# COLOSSENSES

**Introdução**

**Esboço**

**Capítulo 1**

**Capítulo 2**

**Capítulo 3**

**Capítulo 4**

## INTRODUÇÃO

**A Ocasão.** No século primeiro, Colossos, um antigo mas decadente centro comercial a aproximadamente cem milhas à leste de Éfeso, estava localizada na rota das caravanas que passava pelo Vale Licus, perto das cidades de Laodicéia e Hierápolis (cons. Cl. 4:13). Embora uma evangelização anterior (pelos cristãos gaiatas?) não possa ser excluída, os colossenses devem ter ouvido a mensagem cristã pela primeira vez durante o ministério de Paulo em Éfeso (cerca de 53-56 D.C.; cons. Atos 19:10). Paulo possivelmente passou por Colossos a caminho de Éfeso, mas não conhecia pessoalmente os cristãos de lá (cons. Cl. 2:1). Seu cooperador Epafras, que servia nessa igreja, visitou o apóstolo e falou-lhe do progresso dos crentes e da doutrina errada que os subvertia.

Os judeus residiam nesta província da Frígia já por dois séculos (Josefo, Antiquities 12. 147). Evidentemente sendo pouco ortodoxos, receberam este comentário no Talmude: "O vinho e os banhos da Frígia separaram as dez tribos dos seus irmãos" (Shabbath, 147b). A acomodação às práticas gentias deixou sua marca nos judeus que abraçaram o cristianismo. Na província limítrofe da Galácia, a fé nascente foi ameaçada pelo legalismo, uma heresia judaizante; aqui, como em Éfeso (cons. Atos 19:14,18), o perigo jazia no sincretismo religioso judio-helenístico. Para resolver o primeiro caso Paulo escreveu anteriormente aos gálatas; para enfrentar o igualmente grave perigo em Colossos ele escreveu a presente carta.

**A Heresia em Colossos.** Na igreja do segundo século apareceu um movimento herético conhecido como Gnosticismo. Alguns dos seus

princípios básicos já eram conhecidos no século primeiro, não apenas na igreja cristã mas também no Judaísmo da Diáspora (cons. R.McL. Wilson, *The Gnostic Problem*; C.H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*, pág. 97 e segs.; Rudolf Bultmann, "Gnosis", *Bible Keywords*, II). Esse Gnosticismo incipiente foi mais uma atitude religioso-filosófica e mais uma tendência que um sistema, que podia se adaptar aos grupos judeu, cristão ou pagão, conforme a ocasião.

Não obstante, certas idéias parecem constituir a característica geral da mente gnóstica: dualismo metafísico, seres mediadores, redenção mediante o conhecimento ou gnosís. Todas as religiões, defendiam os gnósticos, que são manifestações de uma verdade oculta, buscam dar ao homem o conhecimento da verdade. Este conhecimento ou gnosís não é a compreensão intelectual mas a iluminação que deriva da experiência mística. Estando o homem preso neste mundo da matéria má, só pode se aproximar de Deus através de seres angélicos mediadores. Com a ajuda desses poderes e através de interpretações alegóricas e místicas das Escrituras Sagradas, a iluminação espiritual pode ser alcançada e a redenção do mundo do pecado e da matéria podem ser garantidas.

Naturalmente e talvez inevitavelmente alguns na igreja primitiva buscaram enriquecer ou acomodar sua fé às idéias religiosas correntes; convertidos com uma percepção imperfeita do Cristianismo poderiam inconscientemente fundir suas crenças anteriores com conceitos cristãos. Essa poderia muito bem ter sido a origem da influência gnóstica que apareceu em algumas das igrejas paulinas. Em Corinto, por exemplo, o desejo da sabedoria especulativa (I Co. 1:7 e segs.) e o desprezo do como (que se refletia na negação da ressurreição, no ascetismo e na licença sexual; cons. I Co. 15:5, 7), representam uma atitude gnóstica.

A heresia colossense combinou elementos judeus e helenistas. Observâncias dietéticas e a guarda do sábado, o rito da circuncisão, e provavelmente a função mediatória dos anjos são reminiscências da prática e crença judias (Cl. 2:11, 16, 18); a ênfase dada à "sabedoria" e "conhecimento", o pleroma dos poderes cósmicos, e o aviltamento do

como refletem a filosofia grega (2:3; 8:23). Alguns convertidos judeus provavelmente trouxeram esta mistura de um Judaísmo heterodoxo e o desenvolveram mais depois que se tornaram cristãos.

Com uma estratégia já usada, Paulo usa a terminologia dos enganadores para atacar seus ensinamentos e, no processo, desenvolve a doutrina do "Cristo cósmico". Em Cristo, o único mediador, habita toda a sabedoria e conhecimento; na Sua morte e ressurreição todos os poderes do cosmos são derrotados e por Ele subjugados (2:3, 9, 10, 15). Qualquer ensinamento que se desvia da centralidade de Cristo sob a pretensão de levar os homens à maturidade e perfeição é uma perversão que ameaça a própria essência da fé. Assim o apóstolo identifica e denuncia a raiz do erro em Colossos.

**Origem e Data.** Colossenses, tal como Efésios, Filipenses e Filemom, foi escrita na prisão e foi entregue por Tíquico e Onésimo (4:3, 7-9; Filemom 12; Ef. 6:12) junto com a epístola a Filemom e (possivelmente) Efésios. A tradição fixa a sua origem em Roma durante a prisão de Atos 28 (cerca de 6163 A.D.). Embora esse ponto de vista permaneça predominante, um grupo sugere que uma prisão anterior em Cesaréia (cerca de 58-60 A.D.) ou em Éfeso (cerca de 55-56 A.D.) oferece uma ocasião muito mais provável para as cartas. Cesaréia tem poucos defensores hoje em dia, mas a teoria da prisão em Éfeso tem atraído atenção considerável. Mais recentemente, G. S. Duncan (*St. Paul's Ephesian Ministry*) tem argumentado o seguinte: 1) Segunda Coríntios (6:5; 11:23), escrita no fim do ministério efésio, indica que Paulo esteve na prisão mais vezes do que o mencionado em Atos; se I Co. 15:32 for interpretado literalmente, o que parece razoável, pelo menos uma dessas prisões aconteceu em Éfeso. 2) A visita de Epafras (Cl. 1:7; 4:12) e a presença de Onésimo, o escravo fugitivo, encaixa-se melhor no cenário efésio do que na distante Roma. 3) Paulo planeja uma visita ao Vale Licus depois de sua libertação (Filemom 22), mas de acordo com a tradição, Paulo seguiu na direção oeste, para a Espanha, depois da prisão romana (cons. Rm. 15:24). Os argumentos de Duncan

têm sido mais persuasivos na questão de Filipenses, mas a questão permanece em aberto também para as outras Epístolas da Prisão. Aqueles que continuam a favor da origem romana consideram inconclusivos os argumentos a favor das outras cidades mencionadas acima, e apontam para o peso da antiga tradição e para uma teologia mais desenvolvida (especialmente) em Colossenses e Efésios. Poderia ter sido apresentada em data tão precoce como a do ministério efésio?

**Autoria.** A autoria paulina continua sendo negada em alguns grupos, mas a opinião da maioria vai na outra direção. Uns poucos estudiosos, influenciados pelo fato de que um quarto de Colossenses se encontra em Efésios, têm considerado a primeira como uma versão ampliada da genuína correspondência paulina. A relação entre as duas cartas, entretanto, explica-se adequada e facilmente pela – consciente ou inconsciente – operação da mente do próprio apóstolo ao escrever sobre temas similares.

As principais objeções à autoria paulina têm sido estas: 1) O pensamento e a ênfase da carta não se harmonizam com as de Romanos, Coríntios e Gálatas; 2) A heresia colossense não poderia ter-se desenvolvido tão rapidamente. É um erro, entretanto, acercar-se de Paulo como se a sua mente estivesse em uma camisa de força; mudança de circunstâncias oferecem uma resposta satisfatória à mudança de tema e vocabulário. Investigações recentes têm mostrado de maneira inteiramente conclusiva que o Gnosticismo, pelo menos na forma incipiente com que apareceu em Colossenses, já era uma poderosa força no primeiro século. A voz unânime da tradição da igreja junta-se à maioria dos mestres modernos para afirmar a genuinidade da carta; pode-se confiar consideravelmente neste veredito.

**Temas e Desenvolvimento das Idéias.** A estrutura da epístola segue o padrão familiar de Paulo, na qual uma seção doutrinária (o que crer) é seguida de uma exortação (como agir). Opondo-se à falsa doutrina, Paulo enfatiza a natureza exaltada do senhorio de Jesus Cristo e sua significação para aqueles que Lhe foram unidos. Como Senhor da

criação, Jesus incorpora a plenitude da divindade; como cabeça da Igreja e reconciliador do Seu povo, Ele é o eficiente mediador que, na Sua pessoa, relaciona redentivamente o homem a Deus (Cl. 1:15-22; 2:9). Para estabelecer a suficiência exclusiva de Jesus como Senhor e Redentor (em oposição à substituição dos gnósticos de disciplinas redentoras e um pleroma, ou plenitude, de poderes mediadores), Paulo destaca ambos os aspectos do caráter de Cristo.

Importante nesse sentido é o conceito do "Como de Cristo", com o qual os colossenses sem dúvida estavam familiarizados (1:18, 24; 2:17; 3:15). Esse relacionamento único e misterioso, que exclui todos os outros, torna anátema qualquer crença ou prática que descentraliza Jesus como Redentor e Aperfeiçoador do Seu povo. O "Corpo de Cristo" é um motivo profundamente incrustado na subestrutura da teologia do Novo Testamento. Alguns têm buscado sua origem na filosofia de Paulo, mas provavelmente suas raízes jazem nos ensinamentos do próprio Senhor (cons. Mc. 14:58; Jo. 2:19-22; E. E. Elli, *Paul's Use of the Old Testament*, pág. 92). Membros de uma comunidade considerados como partes de um corpo era uma metáfora conhecida pelo mundo grego. Entre os estóicos, por exemplo. O uso que Paulo faz da figura, entretanto, vai além da simples metáfora e deve ser compreendida na estrutura do conceito hebreu antigo e realista da solidariedade comunitária (veja R.P. Shedd, *Man in Community*).

Em I Co. 12: 12-21 o "corpo" (de Cristo) foi descrito incluindo a "cabeça". Por isso um cristão pode ser descrito como sendo um olho, ou um ouvido, ou uma mão. Em Colossenses e Efésios, onde Cristo foi descrito como a "cabeça" do corpo, a imagem, a princípio, parece estar substancialmente alterada. Nesse caso, a imagem retórica multiforme é uma acomodação ao desejo do apóstolo de enfatizar nessas epístolas o relacionamento íntimo de Cristo com o Seu povo, e não simplesmente um desenvolvimento prolongado de seu conceito primitivo. No complexo das imagens que Paulo usa, cada uma deve ser entendida dentro de sua própria estrutura e "uma simples e global análise

conceitual será tão útil para a interpretação das cartas do apóstolo quanto um trator para a cultura de um jardim de paisagem em miniatura" (A. Farrar, *The Glass of Vision*, pág. 45).

É provável, entretanto, que a Cabeça divina não seja de modo nenhum uma imagem variante do "Corpo", mas antes uma imagem complementar. O conceito de Cristo como a cabeça (*kefale*) da Igreja é análoga a de I Co. 11:3: "Cristo é a cabeça de todo o varão". Mais especificamente: "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo" (Ef. 5:23). A imagem retórica da "cabeça", no que se refere a Cristo e a Igreja, deve ser entendida em termos de analogia marido-esposa. Ela expressa a união de Cristo com a Igreja, pois o marido e a esposa são "uma só carne". Mas, o que é mais importante, apresenta a superioridade de Cristo, Sua autoridade sobre, e a redenção do Seu corpo, a Igreja (cons. Cl. 2:10). A definição de Igreja como extensão da Encarnação não reflete suficientemente este aspecto da figura de retórica paulina.

Nas cartas de Paulo, o relacionamento do cristão com a nova dispensação é considerado um acontecimento passado e uma esperança futura. No passado, os cristãos foram crucificados com Cristo, ressuscitados para uma nova vida, transportados para o Seu reino, glorificados, e feitos assentar com Ele nos céus (Ef. 2:5-7; Cl. 1:13; 2:11-13; Rm. 8:30). Paulo, entretanto, ao se aproximar o fim de sua vida, expressou seu anseio "para o conhecer e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos; conformando-me com ele na sua morte; para de algum modo alcançar a ressurreição dentre os mortos" (Fp. 3:10-14). O significado dessas duas diferentes perspectivas cronológicas, e sua conexão, é de importância central para nossa compreensão do mundo dos pensamentos de Paulo (cons. E.E. Ellis, *Paul's and His Recent Interpreters*, pág. 37-40). Voltando atrás, podemos sugerir que o conceito do "Corpo de Cristo" fornece uma pista para o significado deles. Quando Paulo fala de cristãos que morreram e ressuscitaram para a nova vida, ele fala de uma realidade comunitária experimentada por

Jesus Cristo individualmente no ano 30 D.C., mas transmitida ao cristão comunitariamente pelo Espírito Santo que habita nele. Tendo sido incorporado ao como de Cristo e estando destinado a ser conformado individualmente à imagem de Cristo, o cristão deve agora efetivar em sua vida individual a vida "em Cristo" na qual foi introduzido. Embora sabendo que o ego em sua mortalidade será "revestido de imortalidade" só por ocasião da parousia, a volta do Senhor (I Co. 15:51-54), o ego em suas expressões ética e psicológica começa a efetivar as realidades da nova geração na presente vida: "Se morrestes com Cristo . . . por que . . . vos sujeitais a ordenanças?" "Se fostes . ressuscitados juntamente com Cristo, buscar as cousas lá do alto". "Uma vez que vos despistes do velho homem . . . e vos revestistes do novo . . . Revesti-vos, pois,. . . de bondade . . ." (Cl. 2:20; 3:1, 9, 10, 12). O caráter e a mente de Cristo e, na ressurreição, na Sua vida imortal, devem ser compreendidos no Seu Corpo. Dentro desta estrutura a "exortação" de Paulo está intimamente relacionada com seus ensinamentos teológicos.

## **ESBOÇO**

I. Introdução. 1:1, 2.

II. A natureza do senhorio de Cristo. 1:3 - 2:7.

A. Ação de graças pela fé dos colossenses em Cristo. 1:3-8.

B. Oração por seu crescimento em Cristo. 1:9-14.

C. Cristo como Senhor. 1:15-19.

1. Senhor da criação. 1:15-17.

2. Senhor da nova criação. 1:18, 19.

D. Cristo como o reconciliador divino. 1:20-23.

1. Reconciliador de todas as coisas. 1:20.

2. Reconciliador dos cristãos colossenses. 1:21-23.

E. Paulo : ministro da reconciliação de Cristo. 1:24-29.

1. Participante dos sofrimentos de Cristo. 1:24.

2. Proclamador do mistério cristão. 1:25-27.

3. Instrutor dos santos. 1:28, 29.

F. A preocupação de Paulo pelos cristãos do Vale de Licus. 2 :1-7.

III. O Senhorio de Cristo e a falsa doutrina em Colossos. 2: 8 – 3:4.

A. A suficiência exclusiva de Cristo. 2:8-15.

1. Cristo : Senhor de todo o poder e autoridade. 2:8-10.

2. Cristo : Fonte da nova vida do cristão. 2:11-14.

3. Cristo : Vencedor de todos os poderes cósmicos. 2:15.

B. As práticas dos colossenses negam o senhorio de Cristo. 2:16-19.

1. Fixação nos rituais, um recuo para a velha dispensação. 2:16, 17.

2. Subserviência aos poderes angélicos, um afastamento de Cristo. 2:18, 19.

C. A prática dos colossenses é uma contradição de sua vida comunitária em Cristo. 2:20 – 3:4.

1. Morte com Cristo significa morte aos regulamentos da velha dispensação. 2:20-23.

2. Ressurreição com Cristo exige um mundo e uma perspectiva de vida de acordo com a nova dispensação. 3 : 1-4.

IV. O senhorio de Cristo na vida cristã. 3:5 – 4:6.

A. O imperativo cristão: Tornar verídico, individualmente, a realidade do estar "em Cristo". 3:5-17.

1. O caráter da velha dispensação deve ser abandonado. 3:5-9.

2. O caráter da nova dispensação deve ser assimilado. 3:10-17.

B. Preceitos especiais. 3:18 – 4:6.

1. O lar cristão. 3:18 – 4:1.

2. Oração. 4:2-4.

3. Relacionamento com os não cristãos. 4:5, 6.

V. Conclusão. 4:7-18.

A. Recomendações dos portadores da carta. 4:7-9.

B. Saudações dos cooperadores de Paulo. 4:10-14.

C. As saudações e bênçãos do apóstolo. 4:15-18.



---

**COMENTÁRIO****Colossenses 1****I. Introdução. 1:1, 2.**

1. Como em muitas outras cartas – II Coríntios, Filipenses, I e II Tessalonicenses, Filemom – Paulo associa-se a Timóteo em sua saudação aos colossenses, mas reserva-se o título de **apóstolo**.

Este termo transmite a idéia de missão, autorização e responsabilidade. E o seu significado no N.T. provavelmente se deriva da palavra hebraica *sheilah*, "enviar". (Veja J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Galatians*, pág. 92 e segs.; R.H. Rengsdorf, "Apostleship", *Bible Keywords II*, ed. J.R. Coates.) O substantivo *sheilah*, um equivalente virtual da palavra "apóstolo" no N.T., não é pouco comum nas obras rabínicas. Foi primeiramente um tenro jurídico, que significava representação autorizada.

Conforme o conceito moderno das procurações, o enviado é considerado equivalente ao próprio representado. Desrespeitar o embaixador do rei era desrespeitar o próprio rei (II Sm. 10; cons. I Sm. 25:5-10, 39-42).

Embora o termo, **apóstolo de Cristo Jesus**, tenha outros usos secundários (Fp. 2:25; II Co. 8:23), parece aplicar-se em primeiro lugar àqueles diretamente comissionados como apóstolos pelo Senhor ressuscitado (cons. I Co. 9:1; 15:8-10). Assim Paulo exercia a função de apóstolo **por vontade de Deus**.

2. Todos os cristãos são santos em virtude do seu relacionamento com Deus em Cristo; o uso da designação para uma pessoa particularmente devota aconteceu mais tarde. Paulo usa a antiga saudação hebraica, **paz**, mas altera o costumeiro *kaire* grego, "salve", para *karis*, **graça**, dando à frase um tom distintamente cristão.

## II. A Natureza do Senhorio de Cristo. 1:3 – 2:7.

### A. Ação de Graças pela Fé dos Colossenses em Cristo. 1:3-8.

Uma antiga carta grega começa assim: Apion para Epimacho seu Pai e Senhor, muitas saudações (*kairein*). Antes de mais nada rogo que estejas com saúde, e que prosperes e que passes bem continuamente. ... Agradeço ao Senhor Separis que, estando eu em perigo no mar, ele me salvou imediatamente . . . (Deiss, LAE, pág. 169). Na abertura de suas cartas (exceto Gálatas), quando Paulo dá graças, ele segue este costume literário, mas significativamente altera o seu conteúdo.

**3-6.** Paulo dá graças pela tríade de bênçãos existente entre os colossenses. Sua **fé** em Cristo (e na "esfera cristã"), que ficou no passado, e seu **amor** para com os homens, manifesto no presente, tinham por fundamento a **esperança** que seria efetivada no futuro. Por **esperança**, o próprio Cristo pode ser o indicado (cons. 1:27). Os três vão juntos: Se temos fé apenas nesta vida, somos dignos de dó (I Co. 15:19), mas se a nossa esperança reside **nos céus**, onde a nova dispensação está atuando na pessoa de Cristo, ela será manifesta em amor e frutificará no presente mundo (cons. Cl. 1:13; 3: 14; Ef. 6: 12; Mc. 4:20).

**7.** Só aqui Paulo chama uru cooperador de **conservo** (gr. *sundoulos*) de Cristo; este também pode ser o significado de prisioneiro com#o em 4:10. **Epafras**. . . **fiel ministro** ou diácono (*diakonos*) dos colossenses poderia ter sido o organizador da igreja do Vale de Licus. Sem dúvida o apóstolo ficara sabendo por meio dele dos erros que ameaçaram os cristãos de lá, como também do amor que tinham por Paulo **no Espírito**. Esta última expressão provavelmente refere-se ao Espírito da nova dispensação, embora, possa ser traduzida também *amor espiritual* e *amor no Espírito* (cons. Rm. 8:9; Ef. 1:3).

### B. Oração pelo Seu Crescimento em Cristo. 1:9-14.

As orações de Paulo, além de revelarem a fé do apóstolo, oferecem também valiosas lições de tudo o que se refere ao significado da oração

cristã. Quando comparadas com o "Pai Nosso", elas oferecem um índice quanto ao modo como a instrução de Cristo, "vós orareis assim" (Mt. 6:9), foi aplicada na igreja primitiva. Depois da ação de graças introdutória, Paulo começa uma oração que se funde em outra ação de graças, conforme a oração toma a forma de uma peã de louvor ao Cristo exaltado.

**9,10. Orar.** Veja 4:2. C. Masson (*L'Épître de Saint Paul aux Colossiens*) sugere que pleno conhecimento (*epignosis*) deveria ser compreendido como "amadurecido quanto ao conhecimento". Aqui há provavelmente um contraste sutil com o conhecimento (*gnosis*) dos advogados gnósticos: Paulo não enfatiza nem um intelectualismo abstrato nem uma experiência oculta dos "poderes", mas um conhecimento completo (*epignosis*) da vontade de Deus de acordo com a sabedoria (*sofia*; cons. I Co. 1:24-30) e percepção. Embora, usando estes termos, o apóstolo possa ter-se influenciado pelo vocabulário dos seus oponentes, ele volta o significado das palavras contra os falsos mestres. Ele ora para que os colossenses possam passar pela terapia psiquiátrica de Deus, a qual transformaria seu mundo e visão da vida (cons. Rm. 12:1,2). Uma transformação mental é o requisito prévio e a base de uma renovação ética; em troca, conforme fossem frutificando em toda boa obra, seu conhecimento de Deus seria depois aumentado.

**11.** Para intensificar um conceito, o apóstolo reitera: **Fortalecidos ... poder... força.** O que opera no cristão não é nada menos que o poder do próprio Deus Todo-Poderoso, não para exaltar no presente, mas para dar perseverança, fortaleza e resistência. Os filósofos estoicos também estimavam essas virtudes, mas, como o tradicional índio "cara-de-pau", eles aceitavam com uma atitude de completa indiferença. Paulo quer dizer esperança e sofrimento com alegria. Este é o distintivo do cristão! O gozo que não estiver enraizado no solo do sofrimento é superficial (C. F. D. Monte, *The Epistle of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*).

**12-14.** O poder de Deus nos fez idôneos, isto é, *qualificados para participar*, isto é, deu-nos o poder (M.M.) e tornou-nos dignos.

**Luz** e **trevas** são termos teológicos comuns usados em muitas religiões, e encontrados recentemente nos Manuscritos do Mar Morto. Aqui parece que Paulo está pondo em contraste o reino ou a esfera da nova dispensação – **luz**, com o do presente século, a esfera do mal ou a autoridade (*exousia*) das trevas. Em outro lugar esta esfera do mal foi igualada com o poder de Satanás (cons. 2:15; Lc. 22:53; Atos 26:18; Ef. 2:2).

Estes versículos, que situam uma libertação passada e a transferem para o **reino** de Cristo e apresentam a redenção que os cristãos têm como possessão presente, são os sinetes da "escatologia compreendida", isto é, que a nova dispensação chegou com a ressurreição de Cristo e que os cristãos entram nela no momento da conversão.

A relação entre o reino realizado e o reino futuro tem sido muito debatida e diversamente compreendida. São eles conceitos mutuamente exclusivos representando estágios de desenvolvimento doutrinário nas mentes dos escritores do N.T.? Uma vez que todo o stratum da literatura do N.T. contém ambos os conceitos, esta solução parece ser forçada. Seria o presente aspecto do reino uma compreensão parcial da consumação futura? Parece que Paulo considera os cristãos inteiramente dentro da esfera da nova dispensação no seu estado cooperativo em Cristo, o qual é transferido para os indivíduos pelo Espírito Santo; a esfera do ser da nova dispensação, entretanto, será inteiramente efetivada no indivíduo somente por ocasião da parousia, isto é, a volta de Cristo. (Veja Introdução.)

Mais tarde, o Gnosticismo fez uma distinção entre o perdão, como estágio inicial, e a redenção, como a fuga da alma para os reinos da imortalidade. Aqui Paulo fala de **redenção** que efetua o perdão dos pecados. (Veja Leon Morris, *The Apostolic Teaching of the Cross*, pág. 43.)

**C. Cristo como Senhor. 1:15-19.**

O aspecto surpreendente das atribuições nesta passagem é a sua aplicação a um jovem judeu que foi executado como criminoso apenas trinta anos antes. Jesus Cristo foi descrito em frases que fazem lembrar a divina Sabedoria no V.T. (cons. Pv. 8:22-30; Sl. 33:6), na literatura inter-Testamentária, e em passagens semelhantes do N.T. (cons. Jo. 1:1; I Co. 1:30; Hb. 1:1 e segs.). Aqui Jesus não só é o mediador da criação mas também é o alvo de toda a ordem criada. A majestade desse contraste completo foi percebido por alguém que escreveu:

Quem é Ele, naquela árvore, Morrendo em tristeza e agonia?  
É o Senhor! Oh maravilhosa história!  
É o Senhor, o Rei da glória!  
Aos Seus pés humildemente caímos;  
Coroai-O! Coroai o Senhor de todos!

**15-17. Imagem do Deus** reflete a tipologia Adão-Cristo (cons. Gn. 1:27; Sl. 8; Hb. 2:5-18), na qual Cristo é considerado o primeiro homem verdadeiro que cumpre o desígnio de Deus na criação. Assim, ser a imagem de Cristo é o alvo de todos os cristãos (cons. Rm. 8:28; I Co. 11:7; 15:49; II Co. 3:18; 4:4; Cl. 3:10). O Filho divino, entretanto, é o arquétipo, a efluência da glória de Deus e não, como os outros homens, Seu reflexo (Hb. 1:3). Foi porque o homem é a "imagem do seu criador que foi possível para o Filho de Deus encarnar-se como homem e na Sua humanidade exibir a glória do Deus invisível" (Bruce em *The Epistles to the Ephesians and the Colossians* por E.K. Simpson e F.F. Bruce).

Primogênito (*prototokos*) foi interpretado pelos arianos como significando "o primeiro de uma raça", isto é, Cristo era a primeira criatura. A palavra pode ter este significado (cons. Rm. 8:29); mas tal tradução não é consistente com o tema de Paulo, que aqui destaca a prioridade messiânica e primazia de Cristo (cons. Sl. 89:27): Cristo é o "chefe" porque nele – a esfera do Seu domínio ou talvez através de Sua instrumentalidade – a ordem criada veio à vida (cons. Jo. 1:3; Hb. 1:2), e **por meio dele** ela existe. Sejam quais forem os poderes que existem,

nada têm a oferecer ou negar ao cristão; em Cristo ele tem todas as coisas (cons. Rm. 8:38; Ef. 1:10).

**18.** Os termos **cabeça**, **princípio**, **primogênito**, expressam a preeminência de Cristo na nova criação, a qual nasceu na Sua ressurreição (I Co. 15:22; Ap. 1:5; 3:14). Embora a **cabeça** na qualidade de *locus* de controle do corpo não fosse conceito desconhecido aos escritores médicos do primeiro século, o significado que o V.T. dá a "chefe" ou "origem" é o sentido da palavra aqui. Como **corpo** de Cristo (não o "corpo dos cristãos") a igreja não é meramente uma "sociedade" mas está definida em termos de sua comunhão orgânica com Cristo (veja Introdução).

**19.** Assim como o presente cosmos foi criado em e através de Cristo, assim também é a nova criação. Ambos incluem, na mente de Paulo, muito mais que a humanidade (cons. Rm. 8:22, 23). Mas a **plenitude** (*pleroma*) de tudo habita em Cristo. Já se sugeriu que *pleroma* aqui significa, como no antigo glossário gnóstico, a totalidade dos poderes cósmicos que servem de medianeiros para a redenção dos homens; todos esses, diz Paulo, em oposição ao ensino gnóstico, pertencem e residem em Cristo. Diante do uso da palavra grega na LXX e em outras cartas de Paulo, entretanto, este significado técnico é pouco provável. A interpretação mais própria é a indicada em Cl. 2:9, onde *pleroma* só pode significar a plenitude dos poderes e atributos de Deus. Neste livro Cristo é considerado o receptáculo e representante de tudo o que Deus é. Além disso, plenitude, como "imagem" (cons. 1:15), em outra passagem é predicado dos cristãos à vista de seu final estado glorificado em Cristo (Ef. 3:19; 4:12, 13; cons. Jo. 17:22, 23).

#### **D. Cristo como o Reconciliador de Deus. 1:20-23.**

**20.** Em Ef. 2:14-18 Paulo vê a paz efetivada pelo sacrifício do **sangue** de Cristo, encampando e unificando judeus e gregos. Aqui está se considerando em primeiro lugar a humanidade e **todas as coisas** no cosmos (cons. Is. 11:6-9; Rm. 8:19-23). O fato de que Deus por meio de

Cristo reconciliou o universo foi equiparado por Orígenes (falando sobre Jo. 1:35) com a redenção universal. Não temos certeza (cons. Arndt) se o significado aqui é "reconciliou com Deus" ou (mais provavelmente) "reconciliou com Cristo", isto é, criou uma unidade que tem o seu alvo em Cristo. Mas o ensino de Orígenes não faz muita justiça ao ensino paulino (e do N.T. em geral) no que se refere ao juízo de Deus. Os colossenses foram reconciliados através da redenção, mas Cl. 2:15 sugere que outros seres maus e poderes são "reconciliados" por meio da derrota e destruição (cons. I Co. 15:24-28). Para alguns a cruz é "um salvador da morte para morte" (II Co. 2:16).

**22,23. No corpo da sua carne e apresentar-vos** tem conotações sacrificiais (cons. Rm. 12:1,2) e acentua a identidade do crente com Cristo na sua morte.

**Se . . . permaneçais.** Eis aí a prova. Paulo se dirige aos seus interlocutores chamando-os de cristãos mas sempre reconhece os fatores "existenciais" que impede qualquer complacência até mesmo para si (cons. I Co. 9:27; II Co. 13:5). Para o apóstolo, a certeza sempre tem de estar no tempo presente. E, embora a eleição de Deus não seja vacilante, pode-se afirmar só em termos de profissão (cons. Rm. 10:9), conduta (cons. I Co. 6:9) e o testemunho do Espírito (cons. Rm. 8:9).

**A toda criatura** (*ktisis*) pode ser uma referência, como o contexto admitiria, ao escopo cósmico da proclamação (cons. II Pe. 3:9). Se Paulo está aqui falando de cidadania romana, pode-se-lhe permitir uma hipérbole inevitável em um evangelista "nato".

### **E. Paulo: Ministro da Reconciliação de Cristo. 1:24-29.**

**24.** Antes Paulo orou que os colossenses pudessem sofrer com alegria (1:11); agora ele afirma que essa é a sua própria experiência. O notável conceito de que os padecimentos (*pathema*), sofridos em benefício dos colossenses, completam o que falta nas **aflições de Cristo** (*thlipsis*), não se limita a esta passagem (cons. II Co. 1:5-7; 4:12; 13:4; Fp. 3:10; I Pe. 4:13; 5:9; Ap. 1:9). Esta idéia deve ser compreendida do

ponto de vista do conceito hebreu da personalidade comunitária ilustrada na pitoresca declaração de Jesus em relação a Sua **igreja**, "Por que me persegues?" (Atos 9:4). E alguns interpretam Cl. 1:24 como significando que no propósito de Deus o Cristo comunitário, a comunidade messiânica, está destinado a sofrer uma quota das "dores de parto" na introdução da dispensação messiânica. Provavelmente mais central é a idéia de que a união com Cristo envolve *ipso facto* união com os sofrimentos de Cristo: "Se com ele sofreremos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rm. 8:17). A realidade da comunidade "em Cristo" (Gl. 2:20) tem de ser efetivada nos cristãos individualmente; assina Paulo pode falar até mesmo de sua morte como um sacrifício (Fp. 2:17; II Tm. 4:6).

Deve-se notar, entretanto, que neste contexto, como também em outras passagens, que a exclusiva suficiência redentora está em Cristo e na sua expiação. Os cristãos participam dos sofrimentos de Cristo porque foram redimidos, não como complemento de sua redenção. (Assim, na imitação de Cristo, distintivo dos anabatistas, "a coroa de espinhos está em cima da coroa de glória". Veja Robert Friedmann, "Concepção dos Anabatistas", *Church History*, IX (1940), pág. 358; cons. Walther von Loewenich, *Luthers Theologia Crucis*; Dietrich Bonhoeffer, *The Christ of Discipleship*; Elisabeth Elliot, *Through Gates of Splendor*).

**25-27.** A revelação ou tarefa dada a Paulo no plano redentor de Deus era, especificamente, tornar a salvação conhecida dos **gentios**. No mundo do primeiro século, **mistério** (*mysterion*) significa 1) uma coisa misteriosa, 2) um rito de iniciação a uma religião, 3) um segredo apenas conhecido através de revelação divina (Dn. 2:28-30, 47). O amplo uso que Paulo faz da palavra encaixa-se na última categoria (cons. I Co. 15:51; Ef. 5:32; II Ts. 2:7). Mas em relação ao plano redentor de Deus, o mistério é a união comunitária com Cristo, **Cristo em vós**, pela qual Deus concede justiça e salvação. Em Efésios (3:6) o ponto central está na inclusão dos gentios no Corpo, e esse aspecto do mistério não está ausente aqui.



**28,29.** O "doutor das almas" tinha um ministério que exercia **advertindo** e **ensinando**, não-egocentralizado, mas centralizado no paciente. O alvo de Paulo era apresentar **todo homem perfeito** (*teleios*) ou amadurecido em Cristo, sempre combatendo mas também reconhecendo que o poder é dAquele **que opera eficientemente em mim** (Fp. 2:12,13).

## Colossenses 2

### F. A Preocupação de Paulo pelos Cristãos do Vale de Licus. 2:1-7.

Como *teleios* acima, diversas palavras aqui – **mistério, sabedoria, conhecimento, cabeça** (v. 10), preciosas aos gnósticos, foram transformados em eficientes instrumentos da verdade cristã. Esta seção de transição vai de uma apresentação do Senhorio de Cristo até um ataque contra as insidiosas doutrinas que estavam pondo em perigo esse Senhorio na igreja de Colossos.

**1-3. A luta.** A figura sugerida pelo grego foi extraída de uma competição atlética. A palavra, primariamente, descreve, como o versículo acima, a guerra espiritual do apóstolo em oração contra os principados e potestades (cons. Ef. 6:12). Paulo não ordena que desça fogo do céu como juízo (Lc. 9:54), mas, positivamente, orou para que os *colossenses* e *laodicenses*, que ao que parece estavam ameaçados pela mesma heresia, fossem **confortados** (v. 2), isto é, fortalecidos, pela exortação, pela renovação ética (**amor**) e percepção espiritual (**compreenderem**). A ortodoxia sem o amor é estéril, e o amor sem a verdade "vira papa"; mas juntos resultam em percepção espiritual, conhecimento do **mistério de Deus**. Se há algum segredo, diz Paulo, Cristo é esse segredo – Cristo, a encarnação da **sabedoria** de Deus (Moule, *op. cit.*), Cristo como o exclusivo mediador do dom de Deus aos homens (cons. Pv. 2:3-9).

**4-7.** Como membro do corpo de Cristo, presente com eles em espírito, Paulo esclarece agora o propósito dos comentários precedentes. Ele teme que **raciocínios falazes**, isto é, raciocínio persuasivo

(*pithanologia*), viessem alterar a **ordem** e a **firmeza** deles. Essas palavras emparelhadas são termos militares traduzindo o pensamento de um inimigo abrindo uma brecha em uma antes sólida formação de tropas. O apelo dos enganadores para a filosofia e sabedoria (cons. 2:8,23), é uma via de acesso não de todo desconhecida atualmente. Paulo não respondia aos falsos raciocínios com obscurantismo, nem com uma ordem a que os crentes fechassem seus ouvidos, mas com um pedido razoável a que retomassem a sua positiva tradição cristocêntrica pela qual receberam o Evangelho (cons. 2:8). Desse ponto de partida a vacuidade do raciocínio gnóstico tornar-se-lhes-ia aparente.

### III. O Senhorio de Cristo e a Falsa Doutrina em Colossos. 2:8 – 3:4.

#### A. A Suficiência Exclusiva de Cristo. 2:8-15.

O apóstolo começa seu argumento com uma reafirmação da raridade de Cristo e do relacionamento do crente com Ele. Como cabeça e dominador de toda autoridade e como a própria esfera da existência da nova dispensação do cristão, o lugar de Cristo na vida cristã é todo-inclusiva, e exclusiva de todos os outros.

8. A heresia colossense era uma "filosofia" **conforme a tradição** (*parodosis*) **dos homens** e **rudimentos** do cosmos (cons. 2:20). Paulo não condena a tradição em si mesma mas antes estabelece um contraste com esta heresia e a tradição **segundo Cristo**, que os colossenses receberam (2:7). Há então uma tradição própria – à qual o apóstolo expressa gratidão em outras passagens (por exemplo, Rm. 6:17; I Co. 11:2, 23; 15:3; Fp. 4:9) – a essência da qual jaz em sua apostolicidade (veja Cl. 1:1). Tradição apostólica tem o status da revelação, pois nela o próprio Cristo exaltado fala através de seus representantes autorizados (cons. Oscar Cullmann, "Tradition", *The Early Church*, pág. 59-99).

**9,10.** A palavra grega para **divindade** ou *deidade* é o nome abstrato de Deus (Arndt) e inclui, além dos atributos divinos, também a natureza divina (Beng). Opondo-se à idéia docética de que a matéria é má, está a

afirmação bíblica de que a própria divindade manifestou-se **corporalmente** (*somatikos*) ou em realidade material (Lightfoot; cons. Jo. 1:14). Outros (Moule, por exemplo) interpretam *somatikos* com o significado de: 1) um organismo de Cristo em contraste com o *pleroma* múltiplo de poderes cósmicos; ou, menos provavelmente, 2) o Corpo de Cristo, isto é, a Igreja. A plenitude (*pleroma*; cons. nota sobre 1:19) que é inerente a Cristo, impregna aqueles que estão em união com Ele para aperfeiçoá-los (*pepleromenoi*) ou dar-lhes a plenitude (cons. Ef. 1:23). União com Cristo somente é suficiente, pois Ele é o cabeça de todas as outras autoridades; elas nada podem acrescentar à santidade ou à redenção.

**11,12.** No N.T. não por intermédio de mãos é um termo quase técnico usado em relação às realidades da nova dispensação comunitária em contraste às instituições e rituais da antiga aliança. Refere-se com muita freqüência à Igreja na qualidade do verdadeiro templo de Deus dado à luz na morte e ressurreição de Cristo (Mc. 14:58; Jo. 2:19, 22; Atos 7:48; II Co. 5:1; Hb. 9:11, 24). Aqui identifica a morte e ressurreição de Cristo como sendo a verdadeira circuncisão (cons. Fp. 3:3), na qual os cristãos, na qualidade de Corpo de Cristo, participaram. Ambos os conceitos são, para Paulo, expressões da realidade comunitária implícita na fé dos cristãos – união com a morte e ressurreição do Salvador (veja Introdução).

**No despojamento do corpo da carne.** Veja comentário sobre 2:15.

**Batismo** pode se referir primeiramente ao batismo da morte de Cristo (cons. Mc. 10:38; Lc. 12:50), embora o batismo cristão não deve ser excluído (cons. Rm. 6:4). Não há uma analogia direta entre o batismo cristão e o rito da circuncisão da "velha dispensação". Circuncisão aqui é a morte de Cristo, pela qual Ele operou o rompimento da velha dispensação, purificando do pecado e reconciliando com Deus (cons. Dt. 30:6; Jr. 4:4; 9:25, 26). É com isso que o batismo cristão tem de ser relacionado.

**13.** Para os gentios a morte de Cristo como figura da circuncisão tinha significado especial: sua antiga alienação do povo de Deus estava simbolizada pela **incircuncisão** literal (cons. Ef. 2:11). Entretanto, o uso aqui de carne, isto é, o homem sob o pecado, para indicar uma incircuncisão moral é possível. A ressurreição, vista como ação comunitária **juntamente com ele**, encontra a sua realização através do gracioso perdão de Deus (cons. Ef. 2:1-10).

**14. O escrito** é um certificado de débito (Deiss, BS, pág. 247) e presumivelmente se refere à lei escrita de Moisés. Para os gentios ela também pode incluir a lei com a qual suas consciências concordavam (cons. Rm. 2:14, 15; Êx. 24:3; Ef. 2:15). Esta obrigação que, não estando quitada, permanecia **contra nós** foi paga **na cruz**.

**15. Despojando**, ou melhor, *despindo* (*apekdyomai*) é uma palavra composta, não essencialmente diferente de outra expressão paulina, *ekdyo*. Esta última, usada na LXX (e no grego clássico) em se tratando de "desnudar" inimigos de guerra, fornece a pista para o significado aqui.

No tempo do V.T. os prisioneiros eram despidos de quase toda a roupa. Esse ato veio a simbolizar a derrota, e para os profetas significa o juízo de Deus (cons. Ez. 16:39; 23:26). No N.T. esta idéia entra no reino das "últimas coisas" quando os justos serão vestidos, em contraste com os injustos, que ficarão despidos e nus sob o juízo de Deus (cons. Mt. 22:11; Ap. 3:17, 18; 16:15; II Co. 5:3, 4). O presente versículo, descrevendo Cristo como "despindo" **principados e as potestades** através de Sua morte e ressurreição, provavelmente se refere, de um lado, aos poderes angélicos (através dos quais a *cédula* das *ordenanças* foi dada, Gl. 3:19) que controlam os governadores humanos e, de outro lado, a males personificados, tais como a morte. Cristo morreu, "para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Hb. 2:14, 15). Para o indivíduo, a morte ainda tem de ser destruída (I Co. 15:25, 26); "em Cristo" sua destruição aconteceu quando, na Sua triunfante ascensão, o Salvador levou-a cativa

com todos os outros poderes (Ef. 4:8). Semelhantemente, despindo ou **despojando** (*apekdyomai*) **o corpo da carne** (Cl. 2:11), pode se referir ao julgamento comunitário sobre a cruz do **corpo da carne** adâmico, isto é, o homem todo sob o pecado, sob o juízo, sob a morte. Neste caso, esta frase contrasta como "corpo de Cristo" (cons. I Co. 15:22; Robinson, *The Body*, pág. 31). O perdão gracioso de Deus (Cl. 2:13) tem de ser compreendido à luz do significado da cruz: nela o débito do homem está cancelado e os poderes que mantêm o homem cativo são eles mesmos **publicamente** derrotados e feitos prisioneiros. Tomando consciência disso, torna-se aparente o absurdo que há em se voltar, buscando um complemento para a redenção, do Cristo triunfante para os poderes subjugados.

### **B. As Práticas Colossenses Negavam o Senhorio de Cristo. 2:16-19.**

**16,17. Pois.** Paulo bate com força na mesa e tira as conclusões a partir de seu argumento. As práticas censuráveis, que evidentemente foram impostas pelos falsos mestres, além de se invalidarem diante da liberdade cristã (cons. Rm. 14; Gl. 5), também, como acontecia entre os gálatas (3:1-12; 4:9, 10) ameaçava afastá-los de Cristo, levando-os de volta às **trevas** da antiga dispensação (cons. Hb. 10:1-10). Paulo aponta que os simbolismos ilusórios e as proibições se desvaneceram diante de Cristo, à luz da realidade. Impor tais leis (hoje nós a chamamos por nomes diferentes) a outros como testes de sua maturidade espiritual é o mais evidente sinal de imaturidade cristã e erro. **Corpo** é geralmente interpretado como "realidade" ou "substância", em contraste com o "tipo" do V.T. (Lightfoot), mas **corpo de Cristo** não pode se limitar a isso. "Substância", "Igreja" e "último sacrifício perfeito", todas podem ser idéias que se amontoaram na mente do escritor. . . " (Moule).

**18,19.** A descrição reflete uma competição atlética na qual o competidor é desqualificado ou impedido de receber o prêmio (cons. I Co. 9: 24; Gl. 5:7; Fp. 3:14; II Tm. 4:7). Os falsos mestres ou 1) impediam os colossenses em sua carreira cristã, ou 2) os intimidavam,

declarando-os desqualificados se não seguissem a orientação prescrita. **Humildade**, a qual em Cl. 3:12 é uma virtude, foi aqui condenada por causa do objeto para o qual essa atitude submissa e atividade foi dirigida. Adoração **dos anjos** (*ton aggelon*). Seja qual for a função mediadora que os anjos tiveram na velha dispensação (cons. Gl. 3:19), agora está obstada pela habitação de Cristo. Para Paulo, os anjos ainda podiam ter alguma função ministerial (I Co. 11:10; cons. Mt. 18:10; Hb. 1:14; II Pe. 2:11; Judas 8, 9), mas a doutrina herética parecia ter ido além da reverência do V.T. e dos judeus para com os anjos – mais além até do que as extravagantes especulações rabínicas – dedicando-se a um culto que, tal como a devoção hodierna dos católicos romanos à Virgem Maria, deslocavam a centralidade de Cristo. Ernst Percy (*Die hobleme der Kolosser und Epheserbdefe*, pág. 168, 169), destacando a identidade virtual do **culto dos anjos** com **humildade** (cons. Cl. 2:23), vê Paulo a dizer: "Suas práticas legalistas chegam até à adoração de anjos". Mas algo mais do que isto estava envolvido (cons. Bruce).

A base do erro é a mente egoísta ou carnal (veja coment. sobre 2:15) que passa o tempo elucidando visões que teve. (Uma cláusula difícil. Veja Bruce, Moule.) Tal mente deixa de se apegar a Cristo, a **Cabeça**, da qual o corpo, isto é, a Igreja, se nutre para crescimento verdadeiro e piedoso. Em contraste com o uso anterior, **cabeça** aqui reflete não tanto *autoridade* quanto *origem* ou *fonte* da saúde e vida da **Igreja**.

### **C. As Práticas Colossenses Contradizem Sua Vida Comunitária em Cristo. 2:20-3:4.**

**20-22.** Os **rudimentos** (*stoicheia*) ou *espíritos elementares* são identificados 1) com poderes demoníacos aos quais foi delegada autoridade no cosmos e, portanto, sobre os homens (cons. 2:15), ou 2) com poderes angélicos que geralmente eram os intermediários da lei e exerciam na velha dispensação uma certa soberania sobre os homens. (O leitor deve consultar a cuidadosa dissertação de E.D. Burton, em

*Galatians*, pág. 510-518 Ed.) Alguns poucos comentadores (Moule, por exemplo) traduzem a frase para *ensinamento elementar*, isto é, um ritualismo judeu ou pagão que se coloca contra a liberdade do espírito. No Calvário o cristão morreu **com Cristo** para a velha dispensação, e portanto ele não deve viver como se o **mundo** (*kosmos*) ou suas **ordenanças** ainda tivessem algum direito sobre ele (cons. Rm. 6). Submeter-se às coisas que se **destroem** é admitir que pertence à velha dispensação perecente, à mortal raça adâmico (cons. I Co. 15:45-50); e é uma negação da vida da nova dispensação à qual, no corpo ressuscitado de Cristo, o cristão foi incorporado.

**23.** Aperfeiçoamento do caráter cristão através de regras é a doutrina dos homens (cons. Cl. 2:8). Embora a observância de tabus dê ao homem a reputação de **sabedoria** espiritual e **humildade** sacrificial, tais tabus na prática "honram, não a Deus, mas ao orgulho do próprio homem" (tradução de Phillips). Phillips, provavelmente com razão, entende que **sensualidade** é "o velho homem", o homem em sua rebeldia do pecado, e não simplesmente um termo sensual (cons. 2:18). Em contraste, **disciplina do corpo** (E.R.C.) deve ser literalmente entendida como prática ascética.

### Colossenses 3

**3:1-3.** O cristão não só morreu mas também ressuscitou **com Cristo**. Em sua experiência real ele reside "nos lugares celestiais" (Ef. 2:6). A velha dispensação ainda se manifesta no cristão individual – ele peca, fica doente, morre; a nova dispensação permanece **oculta**, apenas realizada no corpo do Salvador. Não obstante, no ano 30 D.C. sua existência na velha dispensação morreu, crucificada com Cristo (cons. II Co. 5:14; Gl. 2:20). Isto exige que o cristão busque (na inclinação de sua vontade) e dirija sua afeição (*froneite*, na inclinação de sua mente) para a realidade da nova dispensação **lá do alto** (cons. Rm. 12:1,2). "Lá do alto" e "aqui" (ou **da terra**) nas cartas de Paulo e João nem sempre indicam contrastes espaciais, embora esse tipo de expressão

naturalmente esteja envolvendo uma referência a Cristo e aos céus. Os termos expressam um contraste crucial no relacionamento temporal – a velha dispensação e a nova.

No ano 30 A.D. a nova dispensação surgiu inesperadamente na história da ressurreição de Cristo. Mas Cristo, em quem a nova dispensação atualmente inere, está em cima, enquanto o mundo continua nas profundezas da velha dispensação. Os cristãos atualmente existem "lá no alto", isto é, na nova dispensação, apenas "em Cristo" e através da habitação do Espírito Santo neles. Mas sua existência comunitária em Cristo não é menos real que a sua existência individual. A cidadania de um cristão está na "Jerusalém que é de cima" (Gl. 4:26), e isto exige uma transformação contínua da sua mente e vontade em relação a esta realidade. Conformar-se ao ritual, ao cerimonial, aos "poderes" medianeiros da velha dispensação é negar a vida comunitária ressurreta com Cristo.

**4.** No sentido de que **Cristo ... é a nossa vida**, um cristão "percebe" mesmo agora a consumação de sua união com Cristo. Mas na *parousia*, isto é, quando Cristo vier novamente, o cristão estará com ele não meramente no sentido comunitário, mas cheio de glória individualmente (cons. Rm. 8:18; II Co. 3:18). Este é o aspecto "futurista" do ensino escatológico de Paulo. **Manifestar** (*faneroo*), embora não seja tão comum quanto *parousia*, tem sido usado em diversas passagens para indicar o segundo advento de Cristo (II Ts. 2: 8; II Co. 5:10; I Tm. 6:14; II Tm. 4:1, 8; cons. I Pe. 5:4; I Jo. 2:28; 3:2).

#### **IV. O Senhorio de Cristo na Vida do Cristão. 3:5 – 4:6.**

No padrão paulino (cons. Rm. 12:1; Ef. 4:1), uma transição do modo indicativo doutrinário para o imperativo ético aparece agora. Não há, é claro, uma absoluta dicotomia na seqüência doutrina-ética. Se Paulo diz alguma coisa nesta forma literária, é por que a doutrina é a



base da ética: O que um homem crê determina substancialmente como ele age.

### **A. O Imperativo Cristão: Pôr em Prática Individualmente a Realidade do Viver "em Cristo". 3:5-17.**

**5. Membros ... sobre a terra** (E.R.C.) provavelmente não se refere aos órgãos literalmente corporais usados para a imoralidade (Moule; cons. I Co. 6: 15) mas às atitudes e ações corporais que expressam "o velho homem" (Bruce; cons. Rm. 7:23; 8:13). Incluído nisto (como também na *fornicação*) está o pecado da avareza: desejo aquisitivo ou egoísmo. Talvez, o moderno e materialista Cristianismo, precise muito de um voto de nada possuir e de uma oração para libertação das coisas e da ambição. (O pensamento é de A. W. Tozer.) Chamar a avareza de **idolatria** não é forte demais se percebermos que, quando nós desejamos fortemente *possuir* uma coisa, ela passa na realidade a possuir parte de nós.

**6. Ira.** (*orge*; cons. TWNT, V, especialmente pág. 419-448) está freqüentemente associada com **indignação** (*thymos*), quando ocasionalmente atribuídas a Deus (Rm. 2:8; cons. Ap. 16:19; 19:15). Para o homem, a ira não está proibida de maneira absoluta, como na doutrina dos estóicos da *apatheia* (veja Ef. 4:26; cons. I Co. 14:20; Jo. 2:13-17; Tg. 1:19, 20). Não obstante, Paulo não a descreve como característica do "velho homem" (Ef. 4:31; Cl. 3:8; cons. Rm. 12:19).

O conceito da ira de Deus não é resquício de uma primitiva ideologia do V.T. A ira de Deus é a base para o temor de Deus (Hb. 10:31; Tg. 4:12; Mt. 10:28); e não deve ser compreendida como uma emoção momentânea mas como uma disposição assentada, um princípio de retribuição (Rm. 1:18; 3:5; 9:22; cons. Jo. 3:36; Hb. 3:11), não diferente da de um governador terreno (Rm. 13 : 4, 5 ; cons. Hb. 11:27). Costuma ser associada ao dia do juízo (Rm. 2:5; I Ts. 1:10). Longe de negar o amor de Deus, Sua ira a confirma. Pois sem justiça, a

misericórdia perde seu significado. (Cons. R. V. G. Tasker, *The Biblical Doctrine of The Wrath of God.*)

**7,8.** Cons. 2:6. **Do vosso falar** pode se referir a todos os pecados relacionados. O pecado expresso em palavras é contagioso, e o controle da expressão do pecado é um grande passo para a libertação.

**9,10. Despistes** (*apekdysamenoí*), referindo-se ao momento da conversão, transmite a idéia de desvestir, como se fosse uma roupa, e de declarar uma sentença contra o velho homem, isto é, pela identificação com Cristo na Sua morte (veja 2:15). *Neon* (**novo**), ou, como está em outra passagem, *kainos* (por exemplo, Ef. 4:24) interpreta-se pelo que vem a seguir, **que se refaz**. Isto é, a existência comunitária "em Cristo" está se desenvolvendo no cristão individualmente (cons. II Co. 3:18; veja Introdução). Assim, a imagem de Deus, que o primeiro Adão deixou de perceber, está para se cumprir nos filhos do segundo Adão (cons. Gn. 1:26; Hb. 2:5 e segs.; Rm. 8:29; I Co. 15:45 e segs.). Isto significa que os crentes não vestem simplesmente os novos atributos, mas passam por uma transformação psicológica que, por ocasião da *parousia* de Cristo, isto é, Sua segunda vinda, serão vistos em seu caráter radical e compreensivo (Rm. 12:2; I Co. 15:53). Os cristãos, conforme expressa a Epístola de Diogneto escrita no segundo século, pertencem a uma "nova raça". **Conhecimento**. Veja 1:9.

**11. Cita.** O mais baixo tipo de escravo bárbaro. Em Cristo todas as distinções são transcendentais; aos pés da cruz o chão é plano. Não é, entretanto, o nivelamento da moderna ética socialista, que apenas pode produzir a "nova classe" de Djilas. Não é uma uniformidade de status no presente mundo, mas uma mudança de atitude pela qual o estigma de ser diferente desaparece por causa do amor. É "uma unidade na diversidade, uma unidade que *transcende* as diferenças e as tarefas dentro delas, mas nunca uma unidade que *ignora* ou *nega* as diferenças ou que necessariamente *procure aniquilar*" (E. E. Ellis, "Segregation and the Kingdom of God", *Christianity Today*, I, 12. Março 18, 1957, pág. 8). Assim o apóstolo, que declarou que em Cristo "não há macho nem

fêmea" e "não há judeu nem grego", ao mesmo tempo instruiu as mulheres a ficarem em silêncio nas igrejas e observava ritos judeus que tinha proibido aos gentios (Gl. 3:28; I Co. II:3 e segs.; 14:34; Atos 16:3; 18:18; Rm. 14; Gl. 5:2,3). Veja 3:18 e segs.

**12-14.** À Igreja, ao verdadeiro Israel, pertencem os títulos dados ao Israel do VT: **eleitos, santos, amados** (cons. Rm. 2:29; 9:6; Gl. 3:29; 6:16; Fp. 3:3). As virtudes aqui relacionadas, que enfatizam o relacionamento dos cristãos numa situação cheia de desinteligência, refletem o caráter de Cristo, cujo exemplo é citado (cons. II Co. 8: 9; Mt. 6:12). A virtude que resume tudo, dá significado e cimenta o resto é o amor (Rm. 13:9,10).

**15,16. A paz de Cristo.** Aquela paz que Cristo concede àqueles em união com Ele (cons. Jo. 14:27; Rm. 5:1). O *domine* é no sentido de arbitrar diferenças que possam surgir no **corpo** (Bruce). Semelhantemente, **a palavra de Cristo** que habita no crente, isto é, seus ensinamentos, exerce uma influência transformadora na vida do crente.

Cristãos dos tempos passados têm dado o seu testemunho dizendo que "Cristo colocou uma canção em meu coração". E não é exagero dizer que cânticos têm ensinado mais teologia aos novos convertidos do que os livros de texto. Na igreja paulina os pronunciamentos orais às vezes aconteciam na forma de um hino (I Co. 14:15), e algumas passagens do N.T. refletem que tiveram origem em um hino (cons. Fp. 2: 5-11; Ef. 5:14; E. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter*, pág. 273 e segs.). **Gratidão.** A graça de Deus (Lightfoot) ou a atitude grata do cristão (Moule).

**17.** Viver em nome do Senhor Jesus exclui a necessidade de regras; motivação interior substitui normas externas. Assim o Senhorio de Cristo se expressa no todo da vida. Seu Senhorio implica não apenas em um modo de conduta mas numa atitude para com a vida: refletindo conscientemente a vontade de Cristo, as atitudes da pessoa se transformam em um ato de ação de graças a Cristo. Regras externas, mesmo quando boas, não são adequadas para todas as situações: a

"regra" do Cristo que habita o crente é a única orientação suficiente (cons. I Co. 10:31; Gl. 5:18).

### **B. Preceitos Especiais. 3:18 — 4:6.**

A presente seção ilustra como os princípios da "vida em Cristo" podem ser expressas nos negócios quotidianos. Além de ver aqui como funciona um lar cristão, há quem veja também como era a primitiva sociedade cristã. A igreja primitiva incluía pessoas ricas além do número muito maior de pobres, senhores e também escravos (3:18 — 4: 1). Além de destacar a natureza do lar cristão, Paulo dá atenção particular a importância central da oração (4: 2-4) e ao relacionamento do cristão com o não-cristão (4:4-6).

A conduta do lar era um assunto muito discutido tanto pelos escritos judeus quanto pelos pagãos (por exemplo, o Eclesiástico apócrifo, 30:1-13; 42:5 e segs.). E parece que era um item regular nos ensinamentos paulinos (cons. Ef. 5:22-33; I Tm. 6:1-8; Tt. 2:1-10). Contrastando com os ensinamentos judeus e pagãos, Paulo enfatiza a mutualidade dos direitos e responsabilidades. Uma segunda característica cristã é a motivação recomendada ao leitor. Uma vez que a unidade em Cristo não nega a diversidade de função e status no mundo (veja Cl. 3:11), o cristão, tal como o pagão, deve se preocupar com os devidos costumes e ordem sociais. O cristão, entretanto, é motivado pelo seu relacionamento com Cristo e sua responsabilidade diante de Deus (por exemplo, 3:18, 20, 22-25).

**18,19.** A submissão das esposas deve ser retribuída pelo amor dos maridos. Conforme Ef. 5:28 torna explícito, o amor aqui não indica mera afeição mas uma preocupação expansiva por toda a pessoa da esposa.

**20,21. Em tudo.** A criança fica conhecendo a vontade de Deus através do conselho de seus pais. Em uma família cristã não é próprio sugerir conflito entre o dever para com os pais e o dever para com Deus (T.K. Abbott, *The Epistles to the Ephesians and to the Colossians.*)

**Fazê-lo é grato diante do Senhor** provavelmente se infere à obediência motivada pelo amor a Cristo; ela não limita a responsabilidade da criança para com os pais cristãos. Embora, em um caso extremo, um jovem possa precisar escolher entre a vontade de Cristo em oposição à dos pais que não são cristãos (cons. Lc. 14:26), essa atitude só deveria ser tomada depois de sóbria reflexão e aconselhamento cristão. "Não corrija em excesso os seus filhos" (Phillips). O propósito da disciplina é desenvolver o homem cristão, não produzir um indivíduo abjeto. O "não" aqui, como na ética cristã generalizada (cons. Cl. 3:21), deve-se subordinar a uma "disciplina e instrução do Senhor" positivas (Ef. 6:4).

**22,23. Servos** – hoje, empregados devem trabalhar não só quando o chefe está olhando, e devido a motivação que esse olhar fornece, mas devem trabalhar com **singeleza de coração**, isto é, com dedicação honesta. Todo o serviço, para o cristão, é primariamente prestado **ao Senhor**, que julga com toda imparcialidade e justiça.

**24.** O "escravo" fiel de Cristo recebe porção de filho – a **herança Galardão** (E.R.C.) (**recompensa** (E.R.A.) *exata*, Lightfoot) não é, como os críticos usam o termo, algo a ser recebido lá no céu. Antes, é o sorvete reservado para a menininha que, aconchegando-se nos braços do papai, exclama, "Viu, papai, eu arrumei o meu quarto como você mandou". A verdadeira recompensa é a aprovação do pai; o sorvete é apenas um enfeite – mas um enfeite bem recebido. O hino-oração que pede que "possamos festejar no paraíso com eles" não é espiritual só para um platonista. Mas é preciso que haja motivação; a mente mercenária exclui a possibilidade da recompensa cristã (cons. Atos 8:18 e segs.).

**25. Receberá.** Isto é, na presente vida ou no dia do juízo. Deus aqui é tido como Aquele que garante a justiça (cons. Rm. 12:19; II Co. 5:10. Sobre o "justo merecimento" como medida adequada de punição criminal, compare C.S. Lewis, "The Humanitarian Theory of Punishment", *Res Judicate*, VI, 1953-54, pág. 224-230. Veja também comentário sobre Cl. 3:6). Não há acepção de pessoas refere-se tanto ao

escravo quanto ao senhor, e fornece uma transição para a próxima seção (cons. Ef. 6:9; Lv. 19:15).

## Colossenses 4

**4:1.** A admoestação traz à mente o ensinamento do Sermão do Monte: "Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"; "com a medida com que tiverdes medido vos medirão também" (Mt. 6:12; 7:2; veja Cl. 3:11).

**2-4.** A **oração** cristã (*proseuche*; cons. Trench) poderia ser caracterizada pelo espírito de gratidão (veja 1:11). **Vigiando** (*gregoreo*, "vigilante") acrescenta a idéia de percepção e prontidão (cons. Mc. 14:37, 38). A oração cristã deve ser marcada pela solicitude e sobriedade e não pelo estupor cerimonial nem pela verbosidade intoxicante (cons. I Pe. 5:8). Vigiante (*gregoreo*) tem sido freqüentemente usado com referência à atitude do cristão para com a volta de Cristo (por exemplo, Mc. 13:33 e segs.; I Ts. 5:6; Ap. 16:15). **A porta à palavra.** Uma oportunidade ou, mais provavelmente, uma capacidade de *falar* do mistério com clareza (cons. 1:26; Ef. 6:19, 20).

**5,6. Sabedoria** inclui não somente a apropriação e capacidade de comunicar o mistério (1:9) mas também a capacidade de comunicá-lo com sucesso. Só assim o propósito redentor deste tempo, que Deus designou de "tempo oportuno" (*kairos*; cons. O. Cullmann, *Christ and Time*, pág. 39 e segs., 225) será eficientemente aplicado. Uma maneira ofensiva ou insípida não pode realizar muito. Portanto, na vida e no **fazer** a testemunha cristã deveria ser apetitosa – não aos outros cristãos mas para com os não-cristãos.

## V. Conclusão. 4:7-18.

### A. Recomendação dos Portadores da Carta. 4:7-9.

Os portadores da carta, **Tíquico** e **Onésimo**, transmitiriam informações não contidas nela e sem dúvida a interpretariam aos

destinatários, respondendo quaisquer perguntas que surgissem. Onésimo, assunto da correspondência com Filemom, tem sido indicado como o colecionador das cartas paulinas (cons. John Knox, *Philemon Among the Letters of Paul*, pág. 98 e segs.). A recomendação que Paulo faz dele aqui serviu para facilitar a volta desse escravo fugido e para lembrar os leitores que agora ele era um irmão em Cristo.

### **B. Saudações dos Cooperadores de Paulo. 4:10-14.**

**Epafras.** Veja 1:7. Dos outros companheiros, **Marcos** e **Aristarco** são conhecidos de Atos (15:36-39; 19:29; 20:4; 27:2). O primeiro, depois de sua falta na primeira viagem missionária de Paulo (Atos 15:36-39), foi restaurado no favor do apóstolo. Apesar das dúvidas de F.C. Grant (*The Earliest Gospel*, pág. 52, 53), pode-se identificar Marcos, quase sem margem de erro, como o companheiro de Pedro (I Pe. 5:13) e autor do Segundo Evangelho. Lucas, então, tem um relacionamento pessoal como também literário com Marcos. Uma vez que Lucas não está incluído entre os da circuncisão, costuma-se deduzir que ele era gentio – o único escritor do N.T. assim identificado. Sua identidade de médico encontra confirmação no vocabulário de Lucas e Atos. **Demas.** II Tm. 4:10, 11.

### **C. As Saudações e Bênçãos do Apóstolo. 4: 15-18.**

**15.** A “**igreja ... casa**” era coisa comum nas congregações paulinas e em geral (Atos 12:12; 16:15, 40; Rm. 16:5, 23; I Co. 16:19; Fm. 2).

**16.** A "Carta de Paulo aos Laodicenses" tem sido assunto de muita especulação. No segundo século uma carta apócrifa foi composta para preencher a lacuna; recentemente a carta foi identificada como a de Efésios (por exemplo, Lightfoot; também Marcion, 140A.D.) ou Filemom (por exemplo, Goodspeed).

**17.** A observação pessoal feita a **Arquipo**, que talvez fosse filho de Filemom (Fm. 2), faz lembrar o desafio feito pelo apóstolo a Timóteo (II Tm. 1:6). **No Senhor** identifica o **ministério** de Arquipo como um "dom

espiritual" e não uma mera função de organização (cons. Rm. 12:6-8; I Co. 12:5; Ef. 4:12). A preocupação que Paulo enuncia está sempre presente na vida da igreja: o perigo não está na falta de dons espirituais mas por causa de dons espirituais que, devido a pecado pessoal, pressões da organização ou influências não espirituais são sufocados, deformados e incumpridos.

**18.** Depois de ditar a carta, Paulo confirmou sua autenticidade, como era costume seu (cons. I Co. 16:21; Gl. 6:11; II Ts. 3:17; Fm. 19), com uma saudação de próprio punho (cons. Deiss, LAE, pág. 171, 172). Referindo-se às suas **algemas**, Paulo lembra seus leitores de que "aquele que sofre por amor de Cristo tem o direito de falar em favor de Cristo" (Lightfoot). Com esta nota comovente o apóstolo termina sua carta.